

AVALIAÇÃO PANORÂMICA DO USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIAS

PANORAMIC EVALUATION OF THE USE OF CONTRACEPTIVE METHODS AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Carlos Daniel Lima Silva¹
Larissa Vasconcelos de Oliveira²
Gérsia Araújo Viana³

RESUMO

Introdução: Nas últimas décadas os métodos contraceptivos se mostraram um componente importante no cenário da sexualidade feminina. Nesse contexto, a necessidade de descrever o perfil contraceptivo das mulheres jovens é de extrema importância, tendo em vista os riscos associados ao uso de determinados métodos. **Objetivo:** Descrever o panorama do uso de métodos contraceptivos entre universitárias: relatar as características sociodemográficas e antecedentes sexuais das usuárias, identificar os métodos contraceptivos utilizados, determinar os eventos apresentados após seu uso e verificar o conhecimento acerca de seus riscos. **Métodos:** Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal com abordagem quantitativa realizado em Salvador, cujo instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário virtual autoaplicável, estruturado e de múltipla escolha composto por 26 questões, aplicado a 398 universitárias. **Resultados:** Do total de participantes, 89,95% já iniciaram a vida sexual, sendo que 52,76% iniciaram entre 15 e 18 anos. Destas, 70,95% utilizaram preservativo na coitarca. Em relação ao uso atual de métodos contraceptivos, os mais utilizados foram o anticoncepcional hormonal oral (44,72%), o preservativo (34,67%) e o dispositivo intrauterino em sua forma medicada ou não medicada (16,58%). Acerca da contracepção de emergência, 65,33% já utilizaram, sendo que, destas, 38,85% utilizaram duas vezes ou mais dentro de um ano. Dentre as usuárias de algum método contraceptivo, 90,42% alegam ter conhecimento dos seus riscos. No tocante aos eventos apresentados após o início da utilização da contracepção hormonal, foram relatados: sangramento fora do período menstrual (37,65%), diminuição da libido (27,13%) e retenção hídrica (24,70%). **Conclusão:** Conclui-se que, apesar de o preservativo ser o segundo método mais utilizado, seu uso ainda deve ser encorajado, visto que apenas cerca de 1/3 das participantes referem seu uso. Aliado a isso, a alta prevalência do uso da contracepção de emergência revela a adoção de comportamentos sexuais de risco por parte das discentes.

PALAVRAS-CHAVES

Anticoncepcionais, Métodos contraceptivos, Mulheres, Estudantes, Saúde Reprodutiva.

¹Centro universitário FTC, Curso de Medicina, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: carlos_limafd@hotmail.com

²Centro universitário FTC, Curso de Medicina, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: larissavoliveira@hotmail.com

³Centro universitário FTC, Docente, Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: gersia@hotmail.com

ABSTRACT

Introduction: In recent decades, contraceptive methods have become an important component in the scenario of female sexuality. In this context, the need to describe the contraceptive profile of young women is extremely important, given the risks associated with the use of certain methods. **Aim:** To describe the panorama of contraceptive method use among college students: to report the users' sociodemographic characteristics and sexual history, to identify the contraceptive methods used, to determine the events presented after their use and to verify knowledge about their risks. **Methods:** This is a cross-sectional descriptive study with a quantitative approach carried out in Salvador. The data collection instrument used was a self-administered, structured, multiple-choice virtual questionnaire composed of 26 questions, applied to 398 female university students. **Results:** Of the total number of participants, 89,95% have already started their sexual life, and 52,76% started between 15 and 18 years old. Of these, 70,95% used a condom on their first sexual intercourse. Regarding the current use of contraceptive methods, the most used were the oral hormonal contraceptive (44,72%), the condom (34,67%) and the intrauterine device in its medicated or non-medicated form (16,58%). About emergency contraception, 65,33% had already used it, and, of these, 38,85% had used it twice or more within a year. Among the users of some contraceptive method, 90,42% claimed to be aware of its risks. About the events presented after starting to use hormonal contraception, the following were reported: bleeding outside the menstrual period (37,65%), decreased libido (27,13%) and water retention (24,70%). **Conclusion:** We conclude that, although condoms are the second most used method, their use should still be encouraged, since only about 1/3 of the participants reported their use. Allied to this, the high prevalence of the use of emergency contraception reveals the adoption of risky sexual behavior by female students.

KEYWORDS

Contraceptives, Contraceptive Methods, Women, Students, Reproductive Health.

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais crescente, a utilização de métodos contraceptivos se mostrou um componente importante no cenário da sexualidade feminina, por permitir a dissociação entre sexo e gestação, sendo de grande importância no contexto do Planejamento familiar, que é regulamentado através da Lei 9.263 da Constituição Brasileira. Através dessa Lei, homens e mulheres adquirem o direito a acesso a métodos contraceptivos de todas as classes, além do direito a contracepção irreversível (laqueadura e vasectomia), desde que estejam dentro dos critérios pré-definidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS)¹.

A medida em que ampliou-se o rol de métodos, tornou-se possível uma adaptação do método contraceptivo à mulher e não mais da mulher ao método, pois

a paciente adquire mais autonomia junto ao médico para que, de forma individualizada, definam a melhor opção terapêutica, levando em consideração critérios como: vias de administração, posologia, princípios ativos, dosagens, a rotina da usuária, número de filhos, efeitos adversos e outros fatores inerentes à mulher.

Os métodos anticoncepcionais podem ser classificados de várias maneiras, sendo divididos em dois grupos principais: Métodos reversíveis e os métodos definitivos. Os métodos reversíveis são: Comportamentais, de barreira, dispositivos intrauterinos, hormonais e contracepção de emergência. Os métodos definitivos são: a Esterilização cirúrgica feminina e a Esterilização cirúrgica masculina 2.

Os métodos comportamentais englobam: Ogino-Knaus, o método da temperatura corporal basal, método do muco cervical, método sintotérmico e o coito interrompido. Os métodos de barreira abrangem os preservativos masculino e feminino, o diafragma, capuz cervical espermicida e esponja. Os dispositivos intrauterinos basicamente se dividem em dispositivos intrauterinos medicados e não medicados. Já a contracepção hormonal é confeccionada em formulações orais, vaginais, transdérmicas, injetáveis e na forma de implantes. Além disso, existe o método da lactação e amenorreia (LAM) que consiste no uso da amamentação como um método temporário de contracepção 2.

A despeito de sua notável evolução, alguns dos métodos contraceptivos mais utilizados ainda apresentam variados efeitos adversos como cefaleia, edema, aumento de peso, acne, mastalgia, dor abdominal e alteração do fluxo menstrual 3. Além disso, representam fator de risco para determinadas patologias. O risco de trombose venosa profunda (TVP), por exemplo, dobra entre as usuárias de contraceptivos orais combinados, em comparação com outras mulheres em idade reprodutiva. Conjuntamente há o aumento da chance de ocorrência de acidente vascular cerebral, hipertensão e outras alterações cardiovasculares nessas mulheres 4.

Portanto, o conhecimento acerca do panorama do uso de métodos contraceptivos entre as universitárias configura-se como uma informação valiosa, visto que cada método possui riscos e efeitos colaterais associados, o que interfere diretamente na qualidade de vida atual e futura de suas usuárias 5. Além disso, a necessidade de entender o perfil contraceptivo das mulheres jovens é de extrema importância no contexto da sociedade brasileira, em que há uma alta incidência de gestações não planejadas na população jovem, de realização de abortos clandestinos inseguros e de infecções sexualmente transmissíveis (IST) nessa população 6,7.

Nesse sentido, a presente pesquisa busca descrever o panorama do uso de métodos contraceptivos entre as universitárias do Centro Universitário - UNIFTC da cidade de Salvador/Bahia e espera atrair atenção para o tema e contribuir para mais pesquisas em ginecologia e saúde pública.

2 MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo de corte transversal com abordagem quantitativa realizado no Centro Universitário UniFTC em Salvador, Bahia, no período de 01/01/2021 a 30/06/2021.

A população do estudo é composta por acadêmicas com idade superior a 18 anos matriculadas do primeiro ao último ano nos diversos cursos da instituição de ensino superior supracitada, com amostra total de 398 estudantes, considerando uma estimativa de 7000 universitárias matriculadas na instituição em questão, erro amostral de 5%, nível de confiança de 95%.

As participantes que compõem a amostra foram convidadas, em ambiente virtual, a participar da pesquisa através do método snowball, uma técnica de amostragem não probabilística na qual os sujeitos de estudo existentes recrutam outros sujeitos futuros dentre seus conhecidos, a fim de se obter uma maior quantidade de participantes.

Foram incluídas na pesquisa quaisquer universitárias devidamente matriculadas em cursos do Centro Universitário UNIFTC. Foram excluídas as menores de 18 anos, as gestantes e aquelas que não concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário virtual autoaplicável, estruturado e contendo questões de única e múltipla escolha elaborado unicamente para este estudo com base em trabalhos semelhantes 8,9. Este questionário é composto por 26 questões que abordam informações sociais, antecedentes reprodutivos, comportamentos sexuais, práticas contraceptivas anteriores e atuais, conhecimento sobre métodos contraceptivos e educação sexual. O interrogatório foi confeccionado por meio da ferramenta Google Forms e foi aplicado por via online, mediante o interesse da população de estudo em participar.

Foi realizado um pré-teste do questionário envolvendo 20 voluntárias que se enquadraram no perfil da amostra, a fim de avaliar a legibilidade e aplicabilidade do instrumento de pesquisa.

Os dados obtidos foram armazenados e analisados em planilha por meio do software Microsoft Excel 2019 para cálculo das frequências absolutas, relativas, média e, posteriormente, foram apresentados segundo análise descritiva através de tabelas.

O estudo recebeu a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Mantenedor de Ensino Superior da Bahia (CAAE 40864320.3.0000.5032). Antes de responder ao questionário as participantes foram informadas sobre o tema e os objetivos da pesquisa, e foram convidadas a aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como previsto pela Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

3 RESULTADOS

O presente estudo contou com uma amostra de 398 estudantes de nível superior do sexo feminino. A faixa etária das universitárias variou de 18 a 46 anos,

sendo a média de idade de 23,5 anos. Foram abordadas estudantes do primeiro ao décimo segundo período de forma aleatória e dentre as participantes do estudo 97,98% estão matriculadas em cursos da saúde, sendo que 78,14% do total da amostra está matriculada no curso de medicina.

Acerca da renda familiar das participantes, 41,96% declarou ser maior que 8 salários mínimos. Quanto ao estado civil, 84,67% das discentes são solteiras. Em relação ao comportamento sexual, 62,31% possuem parceiro fixo, 91,46% se relacionam apenas com homens, 52,76% iniciaram a vida sexual entre 15 e 18 anos e 72,91% tiveram apenas um parceiro sexual nos últimos 12 meses (tabela 1).

Tabela 1. Características sociodemográficas e comportamento sexual das participantes.

Variáveis	N	%
Faixa etária (anos)		
18-25	317	79,65
26-35	60	15,08
≥36	21	5,28
Total	398	100
Renda familiar		
Até 3 salários mínimos	83	20,85
De 3 até 5 salários mínimos	61	15,33
De 5 até 8 salários mínimos	61	15,33
Mais que 8 salários mínimos	167	41,96
Não possui	26	6,53
Total	398	100
Estado civil		
Solteira	337	84,67
Casada	34	8,54
União estável	25	6,28
Divorciada	2	0,5
Total	398	100
Status sexual		
Parceiro fixo	248	62,31
Sem parceiro	108	27,14
Parceiro ocasional	41	10,3
S/R	1	0,25
Total	398	100
Orientação sexual		
Se relacionam apenas com homens	364	91,46
Se relacionam apenas com mulheres	13	3,27
Se relacionam com homens e mulheres	21	5,28
Total	398	100
Já iniciou a vida sexual		
Sim	358	89,95

Não	40	10,26
Total	398	100
Idade de início da vida sexual		
Entre 15 e 18 anos	210	52,76
Maior que 18 anos	128	32,16
Menor que 15 anos	20	5,03
Total	358	100
Parceiros sexuais nos últimos 12 meses		
Nenhum parceiro	18	5,03
1 parceiro	261	72,91
2 parceiros	38	10,61
3 parceiros	24	6,7
4 ou mais parceiros	17	4,75
Total	358	100

Legenda: N: frequência absoluta, %: frequência relativa.

Também foi abordado os antecedentes gestacionais entre as participantes. Desse modo, verificou-se que 10,80% já gestaram ao menos uma vez, sendo que, destas, 20,93% declararam já ter provocado algum aborto.

Entre as universitárias foi abordada a história da doença atual e pregressa. Dessas, 2,76% referem ser hipertensas, 1,76% referem ser diabéticas, 11,06% referem ser dislipidêmicas, 6,78% referem ter alguma doença tireoidiana, 1,26% referem ter alguma doença cardíaca, 2,26% referem ter endometriose, 15,58% referem ter síndrome dos ovários policísticos, 1,51% referem ter tumores ovarianos benignos, 1,01% referem já terem tido gravidez ectópica, 0,5% referem histórico de TVP e 7,79% referem ter alergia ao látex do preservativo.

Quando questionadas sobre já ter tido ou ter alguma IST, 4,74% das participantes que já iniciaram a vida sexual responderam positivamente. Sendo que, destas, a Herpes genital foi a IST mais frequente com 52,94%, seguido de HPV com 41,17%.

Sobre os métodos contraceptivos utilizados na primeira relação sexual, 70,85% das estudantes utilizaram o preservativo masculino, 20,11% utilizaram o anticoncepcional hormonal oral, 11,73% utilizaram o contraceptivo oral de emergência, 13,41% utilizaram o coito interrompido, 0,56% utilizaram o preservativo feminino e 6,70% não utilizaram nenhum método contraceptivo. Vale lembrar que a questão admitiu mais de uma resposta. Do total, 6,42% utilizaram exclusivamente o coito interrompido e 6,98% o associaram a outros métodos. Em relação ao preservativo masculino, 52,79% o utilizaram exclusivamente e 17,87% o associaram a outros métodos.

A respeito do uso atual de métodos contraceptivos, 83,91% das acadêmicas utilizam algum método contraceptivo. Quando questionadas sobre a indicação do método de contracepção, 77,84% declararam que foram orientadas por médicos e em relação a forma de aquisição do método contraceptivo, 80,24% afirmaram comprar o mesmo e apenas 3,89% o obtém gratuitamente. Acerca do uso da contracepção de emergência, 65,33% das discentes informaram já terem utilizado

(tabela 2).Tabela 2. Uso da contracepção de emergência pelas participantes.

Variáveis	N	%
Já utilizou pílula do dia seguinte?		
Sim	260	65,33
Não	138	34,67
Total	398	100
Frequência com que usou a pílula do dia seguinte		
Usei uma única vez na vida	85	32,69
Usei uma única vez dentro de um ano	74	28,46
Usei duas vezes dentro de um ano	60	23,08
Usei três vezes ou mais dentro de um ano	41	15,77
Total	260	100

Legenda: N: frequência absoluta, %: frequência relativa.

Da quantidade integral de participantes, 44,72% utilizam anticoncepcional hormonal oral, 34,67% utilizam preservativo masculino, 11,81% utilizam DIU hormonal, 4,27% utilizam DIU não medicado e 12,31% utilizam coito interrompido, sendo que, destas, 95,91% associam este método comportamental com outros métodos de melhor eficácia. Além disso, 24,87% utilizam o preservativo associado a outro método contraceptivo. Dentre as usuárias de alguma forma de contracepção, apenas 0,89% utilizam exclusivamente métodos comportamentais. Ademais, dentre as universitárias que apresenta ou já apresentaram alguma IST, somente 29,41% referiram o uso do preservativo atualmente (tabela 3).

Tabela 3. Métodos contraceptivos em uso pelas participantes, no período de janeiro a junho de 2021.

Métodos contraceptivos utilizados atualmente (*)	N	%
Anticoncepcional hormonal oral	178	44,72
Preservativo masculino	138	34,67
Coito interrompido	49	12,31
DIU hormonal	47	11,81
Método da Tabela	24	6,03
DIU não medicado	17	4,27
Anticoncepcional hormonal injetável	13	3,27
Anticoncepcional hormonal na forma de implante subcutâneo	6	1,51
Laqueadura tubária	3	0,75
Preservativo feminino	2	0,50
Anticoncepcional hormonal transdérmico	1	0,25
Anel Vaginal	1	0,25
Anticoncepcional hormonal vaginal	1	0,25
Não utiliza nenhum método contraceptivo atualmente	64	16,08

Legenda: (*): a questão admitiu mais de uma resposta, N: frequência absoluta, %: frequência relativa; DIU: Dispositivo Intrauterino.

As discentes também foram interrogadas acerca das razões pelas quais utilizam os métodos contraceptivos. Os principais motivos evidenciados foram prevenção de gravidez 88,62%, regularização do ciclo menstrual 32,63%, redução do fluxo menstrual 27,24%, proteção contra IST 26,24%, melhora de sintomas de tensão pré-menstrual 24,55% e melhora da acne 18,86%. 4,79% referiram o uso de métodos contraceptivos para tratamento de alguma doença. Quando questionadas acerca da satisfação com o método contraceptivo utilizado, 85,92% revelaram estar satisfeitas ou muito satisfeitas, enquanto 13,17% revelaram estar insatisfeitas ou muito insatisfeitas e 0,9% não responderam.

As universitárias que não fazem uso de nenhum método contraceptivo também foram questionadas acerca dos motivos de tal escolha. As razões mais relatadas foram: não ter parceiro 51,56%, não exposição aos riscos ou efeitos adversos 12,5% e ter relacionamento homoafetivo 6,25%.

O questionário também abordou os eventos apresentados após o início do uso dos métodos contraceptivos hormonais. Ao avaliar os eventos positivos, observa-se que 68,83% relataram redução do fluxo menstrual, 46,96% relataram redução das cólicas menstruais, 43,32% relataram regulação do ciclo menstrual, 40,49% relataram melhora na acne e 29,96% relataram redução da duração do ciclo menstrual. Em relação aos principais efeitos adversos relatados, 37,65% referiram sangramento fora do período menstrual, 27,13% referiram diminuição da libido, 24,70% referiram retenção de líquido, 23,08% referiram sensibilidade mamária aumentada e 21,86% referiram alteração do humor (tabela 4).

Tabela 4. Eventos apresentados pelas participantes que utilizam métodos contraceptivos hormonais após o início do uso dos mesmos.

Eventos apresentados após o início do uso de métodos hormonais (*)	N	%
Redução do fluxo menstrual	170	68,83
Redução das cólicas menstruais	116	46,96
Regulação do ciclo menstrual	107	43,32
Melhora na acne	100	40,49
Sangramento fora do período menstrual	93	37,65
Redução da duração do ciclo menstrual	74	29,96
Diminuição de libido	67	27,13
Retenção de líquido	61	24,70
Sensibilidade mamária aumentada	57	23,08
Alteração do humor	54	21,86
Aumento do volume das mamas	48	19,43
Alteração do peso	47	19,03
Exaustão ou cansaço	38	15,38
Aparecimento de acne	33	13,36
Náusea/vômito	29	11,74
Corrimento	29	11,74
Exacerbação das cólicas menstruais	23	9,31
Aumento de apetite	20	8,10

Aumento do fluxo menstrual	15	6,07
Sensibilidade mamária reduzida	13	5,26
Coceira em região genital	12	4,86
Vaginite	7	2,83
Hematoma temporário	3	1,21
Expulsão do dispositivo contraceptivo	2	0,81

Legenda: (*): a questão admitiu mais de uma resposta, N: frequência absoluta, %: frequência relativa

Em relação ao conhecimento das estudantes acerca dos riscos, 90,42% referem estar cientes dos riscos de seus métodos contraceptivos, porém, 16,22% destas não souberam descrever quais seriam os riscos. A respeito do conhecimento dos riscos, tromboembolismo venoso 47,01% foi o mais conhecido entre as usuárias de métodos contraceptivos, seguido por acidente vascular encefálico 22,16% e trombose mesentérica 21,26%.

4 DISCUSSÃO

As estudantes eram universitárias com, em média, 23,5 anos e, em sua maioria, heterossexuais, solteiras, com parceiro fixo, sem histórico de gestação. Esses achados corroboram outros estudos acerca de caracterização de estudantes universitárias no Brasil 8–11. No tocante à renda, vários estudos realizados entre universitárias demonstram resultados variáveis 8,10,12. Desse modo, acredita-se que a variação encontrada nesse estudo seja explicada pelo fato de que grande parte das estudantes estão matriculadas no curso de medicina, um curso elitista no Brasil.

Em relação a sexualidade das discentes, a maioria já iniciou a vida sexual, sendo que a maior parte destas tiveram a sexarca entre 15 e 18 anos. Este resultado corrobora com as variações encontradas em diferentes estudos realizados entre universitárias e jovens em geral 9,13,14.

Um estudo recente demonstra que apenas 16,4% das mulheres jovens de 15 a 19 anos entrevistadas tiveram sua primeira relação antes dos 15 anos 14. Em outro estudo realizado pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar esse valor subiu para 29% 15. No presente trabalho, apenas cerca de 5% das universitárias referiram que sua sexarca foi antes dos 15 anos. Esse dado é importante, visto que um início sexual precoce resulta em maiores chances de contração de IST, maior número de parceiros e gestações indesejadas 16.

Ainda sobre a primeira relação sexual, o uso de métodos contraceptivos foi mencionado pela maioria das estudantes, sendo o preservativo masculino o principal método de escolha. A preferência pelo preservativo está relacionada, além da prevenção de gestação, com a praticidade de uso, baixo custo e, principalmente, a ausência de efeitos colaterais significativos. Além disso, é a forma mais eficaz de prevenção contra IST 17.

Vale ressaltar que, no presente estudo, quase 1/3 das participantes que já iniciaram a vida sexual não utilizaram preservativo masculino na primeira relação. As principais justificativas do não uso deste método anticoncepcional na primeira relação são: não dispor no momento, não pensar na hora e vergonha diante do parceiro 8,9. Além disso, evidencia-se que cerca de 6,42% utilizaram isoladamente métodos comportamentais, conhecidos por sua baixa eficácia, como tabelinha e coito interrompido. Em contrapartida, em relação ao uso atual de métodos contraceptivos, o uso isolado de métodos comportamentais caiu para 0,89%. Sabe-se que os métodos

comportamentais possuem uma elevada taxa de falha, resultando em gestação indesejada, além de não garantirem proteção contra IST 2. Sendo assim, essas informações evidenciam o despreparo psicológico destes jovens diante da coitarca.

Quando questionado sobre o uso atual de métodos anticoncepcionais, analisou-se que a maioria das participantes utiliza algum método contraceptivo, sendo que o anticoncepcional hormonal oral foi o mais frequentemente referido pela maior parte das estudantes, seguido pelo preservativo masculino e DIU, somando sua forma medicada e não medicada. A grande maioria das usuárias de métodos comportamentais o associam a métodos de melhor eficácia. Desfechos semelhantes foram descritos em outros trabalhos 8,13, corroborando assim que existe um perfil parecido entre as estudantes de nível superior observadas.

Em relação à dupla proteção, apenas 24,87% usam outros métodos contraceptivos associados ao preservativo, um resultado um pouco melhor que o encontrado em um estudo realizado entre usuárias de métodos contraceptivos das unidades básicas de saúde do município de São Paulo que demonstrou uma taxa de 19,5% do uso de preservativo associado à outros métodos 18. Outros estudos demonstraram resultados ainda mais baixos 11, enquanto outros demonstraram resultados semelhantes 9. Ainda assim, apesar das variações encontradas, a baixa aderência à dupla proteção é alarmante e nos estimula a considerar as razões pelas quais as discentes estão adotando métodos contraceptivos de excelente eficácia para prevenção de gestação, enquanto negligenciam o risco de contração de IST, dado que são jovens com boa instrução acerca dos riscos aos quais estão se expondo. Um estudo composto por 10.175 usuários atendidos em um Centro de Testagem e Aconselhamento em Fortaleza/CE 19 revela que os motivos mais referidos de não usar o preservativo são: não gostar, parceiro não aceita e confia no parceiro.

Além disso, observa-se que o protagonismo do uso do preservativo na primeira relação sexual é substituído pelo anticoncepcional hormonal oral nos métodos contraceptivos em uso atualmente. Um estudo realizado entre universitárias de instituições públicas e privadas 12 traz um dado interessante ao revelar que o principal motivo referido pelas mulheres para o abandono do uso do preservativo é o fato de já usar a pílula anticoncepcional. É evidente que esse argumento e os outros já expostos anteriormente em relação ao não uso do preservativo estão interligados e agem em sinergismo para que o uso do preservativo seja gradativamente abandonado.

Em nosso trabalho, observou-se que a maior parte das entrevistadas que declarou ter ou já ter tido alguma IST não referiu o uso do preservativo. Isso se configura como um agravante diante da elevadíssima taxa de transmissão de IST e do fato de a infecção pelo HPV, uma IST, ser o maior fator de risco para câncer de colo uterino. É a adoção desse comportamento sexual de risco, seja de forma consciente ou não, que perpetua essa situação como um verdadeiro problema de saúde pública 20.

Como já evidenciado em um estudo semelhante 12, o principal motivo do uso da contracepção relatado foi a prevenção de gestação. Ainda assim, verifica-se que a prevalência de gestações não planejadas é muito elevada em nosso país, o que resulta em maiores taxas de abortamento, configurando-se como outro problema de saúde pública 21. Complementando essa informação, nossa pesquisa demonstra que das participantes que já gestaram, 20,93% já provocaram abortamento.

No tocante à contracepção de emergência, observa-se que a maioria das participantes já utilizam a pílula do dia seguinte, sendo que destas, grande parte utilizou duas vezes ou mais dentro de um ano. Resultados semelhantes foram encontrados em outros estudos 9,22. Esses dados chamam atenção, visto que, além

de a pílula do dia seguinte apresentar índice de falha mais elevado que outros métodos 2, a população em estudo possui amplo acesso aos métodos contraceptivos de melhor eficácia. Além disso, o uso da contracepção de emergência de maneira descontrolada pode ser classificado como um indicador de comportamento sexual de risco, pois denota falha do método contraceptivo em uso ou exposição ao sexo sem proteção e, conseqüentemente, aos seus riscos intrínsecos dessa prática, como gestação indesejada e risco de contração de IST 23.

A escolha do método contraceptivo deve ser realizada de forma conjunta entre a paciente e seu médico, sempre considerando alguns aspectos como idade, nível de escolaridade, história médica pregressa, situação social e condições financeiras. Nesse sentido, a 77,84% das usuárias afirma ter recebido orientação médica, dado que converge com um estudo executado em outra universidade 13. Essa informação é relevante, visto que, quando indicado incorretamente, o uso do método pode gerar repercussões indesejadas para a usuária.

Além disso, sabe-se que os benefícios, malefícios e efeitos colaterais inerentes à cada método contraceptivo também desempenham um papel importante em sua escolha. Em consonância com outros estudos 13 no que se refere aos benefícios, observa-se que grande parte da amostra referiu eventos positivos após o início do uso de métodos hormonais, sendo que os mais citados foram redução do fluxo menstrual, redução das cólicas menstruais, melhora da acne, regulação e redução do ciclo menstrual. Esses dados podem justificar a elevada quantidade de usuárias satisfeitas com o método contraceptivo escolhido (85,92%).

Já os principais eventos adversos relatados após o início de uso de métodos hormonais evidenciados foram: Sangramento fora do período menstrual, diminuição do libido, retenção de líquido, sensibilidade mamária aumentada e alteração do humor. Um estudo realizado em discentes de um Centro universitário de Teresina 24 revelou que aumento de peso corporal, alterações de humor, dor nas mamas e cefaleia foram os efeitos adversos mais frequentes. Nesse sentido, sabe-se que, ao expor as jovens à experiências desagradáveis, os efeitos colaterais se configuram como um dos elementos fundamentais que estimulam a interrupção do uso de métodos contraceptivos hormonais. Em um estudo realizado em Santa Catarina entre estudantes de medicina 5, verificou-se que 41,4% das mulheres que utilizaram anticoncepcional hormonal oral escolheram abandonar o método devido aos efeitos adversos. Corroborando com essa informação, o presente estudo revelou que a “não exposição aos riscos ou efeitos adversos” foi o segundo motivo mais citado dentre as jovens que não utilizam nenhum método contraceptivo.

Além disso, verifica-se que algumas condições pré-existentes evidenciadas pela literatura, como histórico prévio de TVP, hipertensão, doenças cardíacas, enxaqueca, estilo de vida sedentário, diabetes não controlada, tabagismo e etilismo, configuram-se como fatores de risco associados ao uso de métodos contraceptivos hormonais orais 25. No presente estudo, verificou-se que uma pequena parte das participantes já manifestaram ou manifestam dislipidemia, hipertensão, diabetes e apenas 0,5% apresentaram histórico de TVP. Além disso, um trabalho realizado entre universitárias 13 revela que 91,7% das usuárias de métodos contraceptivos em estudo referem estar cientes dos riscos inerentes aos métodos contraceptivos que utilizam, resultado semelhante ao encontrado no presente estudo. Por outro lado, um estudo realizado entre estudantes revelou que 44,19% das estudantes dos cursos de saúde estão insatisfeitas com seu conhecimento 26.

5 CONCLUSÃO

A maioria das universitárias tiveram sua primeira relação sexual entre 15 e 18 anos e utilizaram algum método contraceptivo, sendo este em sua maioria o preservativo masculino. Em relação aos métodos contraceptivos utilizados atualmente, o preservativo dá lugar ao anticoncepcional hormonal oral, que foi o principal representante do grupo. O principal motivo para uso foi para prevenção de gravidez. A maioria das participantes escolheram seu método contraceptivo através de indicação médica e revelaram estar cientes acerca dos seus riscos. Observou-se a existência de diversos eventos positivos e efeitos adversos referidos pelas entrevistadas, sendo principalmente, a redução do fluxo menstrual e o sangramento fora do período menstrual, respectivamente.

O uso da contracepção de emergência foi bastante expressivo, chamando atenção pela alta prevalência de seu uso repetidas vezes dentro de um ano. Ao observar essa informação em conjunto com a queda do protagonismo do preservativo masculino dentre os métodos mais utilizados atualmente, o comportamento sexual de risco entre jovens graduandas de cursos da saúde com livre acesso à informação torna-se cada vez mais evidente. Sendo assim, estratégias educacionais que visem fornecer conhecimento sobre saúde integral da mulher com intuito de estimular adoção de práticas contraceptivas planejadas e seguras, bem como ressaltar a importância do autocuidado para prevenção de ISTs e de gestação indesejada devem ser estimuladas nos ambientes universitários.

REFERÊNCIAS

Base Legislação da Presidência da República - **Lei no 9.263 de 12 de janeiro de 1996** [Internet]. [cited 2021 Jul 26]. Available from: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9263&ano=1996&ato=c07gXUq1UMJpWT6b4>

Administrativa D, Vera :, Mota Da Fonseca L, Gomes Pereira JE, Barbosa O, Filho M, et al. FEBRASGO-Manual de Anticoncepção FEBRASGO – **Manual de Anticoncepção 4 5 DIRETORIA Presidente: Etelvino de Souza Trindade Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia** [Internet]. 2015 [cited 2020 Nov 19]. 290 p. Available from: www.febrasgo.org.br

Carrias DT da S, Araújo NC, Meirelles LMA, Neto BM. **Efeitos adversos associados a uso de contraceptivos orais em discentes** Adverse effects associated with students' use of oral contraceptives. 2019;17(86):142–6. Available from:

Freire Sampaio A, Helena Meireles Marinho I DE, Almeida Sá I, Oliva Gomes P, Sabá Faria S, Mourão Pinho Tavares T DE, et al. **O USO DE CONTRACEPTIVOS ORAIS COMBINADOS E O RISCO DE TROMBOSE VENOSA PROFUNDA EM MULHERES EM IDADE REPRODUTIVA** THE USE OF COMBINED ORAL CONTRACEPTIVES AND THE RISK OF DEEP VENOUS THROMBOSIS IN WOMEN AT REPRODUCTIVE AGE. Brazilian J Surg Clin Res [Internet]. 2019 [cited 2020 Nov 19];28(1):42–8. Available from: <http://www.mastereditora.com.br/bjscr>

Nienkötter FE, De CB, Santiago P. **PERFIL DE CONTRACEPÇÃO E EFEITOS COLATERAIS RELACIONADOS AO USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS HORMONAIS COMBINADOS ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA**. CONTRACEPTION PROFILE AND COLATERAL EFFECTS RELATED TO THE USE OF COMBINED HORMONAL CONTRACEPTIVE METHODS BETWEEN MEDICAL STUDENTS AUTORES [Internet]. 2018 [cited 2020 Dec 8]. Available from: <http://www.riuni.unisul.br/handle/12345/6408>

Muniz NF, Vieira TMM, Richetti FPH, Spigolon DN, Derenzo N, Christinelli HCB, et al. **IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA FASE DA ADOLESCÊNCIA: ÊNFASE NA PREVENÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**. In: Extensão Universitária nas Ciências da Saúde no Brasil [Internet]. Atena Editora; 2020 [cited 2020 Dec 8]. p.153–7. Available from:<https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook?id=3041>

Cardoso BB, Vieira FM dos SB, Saraceni V. **Aborto no Brasil: o que dizem os dados oficiais?** **Cad Saude Publica** [Internet]. 2020 Feb 21 [cited 2020 Dec 8];36(suppl 1):e00188718. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020001305001&tlng=pt

Sarmiento M do SR de A, Sales JC e S, Silva Júnior FJG da, Parente A da CM. **SEXUAL BEHAVIORS AND THE USE OF CONTRACEPTIVE METHODS AMONG UNDERGRADUATE FEMALE STUDENTS OF THE HEALTH AREA**. Reme Rev Min Enferm [Internet]. 2018 [cited 2020 Nov 19];22(0):1112. Available from: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1248>

Gabriela Santos Costa A, Lima Vaz G, Roberto Resende Fernandes J, Debortoli Giardini M, Luiza Gomes Reis A, Oliveira Furtado I, et al. **PRÁTICAS CONTRACEPTIVAS ENTRE UNIVERSITÁRIAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE VALENÇA-RJ** CONTRACEPTIVE PRACTICES BETWEEN UNIVERSITY MEMBERS OF THE FACULTY OF MEDICINE OF VALENCIA-RJ. Brazilian J Surg Clin Res [Internet]. 2017 [cited 2020 Nov 19];19(1):64–70. Available from: <http://www.mastereditora.com.br/bjscr>

de Castro Bezerra KI, Rodrigues Feitoza SI, Teixeira Moreira Vasconcelos CI, Arcanjo Lino Karbage SI, Maia Saboia DI, Oliveira Batista Oriá MI. **Função sexual de universitárias: estudo comparativo entre Brasil e Itália** Sexual function of undergraduate women: a comparative study between Brazil and Italy La función sexual de universitarias: estudio comparativo entre Brasil e Italia PESQUISA. 2017 [cited 2021 Jul 8]; Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0669>

Sorgi CM, Callegari FVR, Carbol M. **Conhecimentos, atitudes e práticas de universitárias em relação aos métodos contraceptivos reversíveis de longa duração (LARC)**. Med (Ribeirao Preto Online) [Internet]. 2019 Nov 7 [cited 2020 Nov 19];52(3):213–22. Available from: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v52i3.p213-222>

Delatorre MZ, Cristina A, Dias G. **CONHECIMENTOS E PRÁTICAS SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**. Rev da SPAGES P [Internet]. 2015 [cited 2021 Jul 26];16(1):60–73. Available from: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702015000100006

Moraes LP, Jones KLG, Pellegrini LE, Silva LF da, Barbosa LM, Botogoski SR, et al. **Análise do perfil das estudantes de uma universidade de Curitiba acerca do uso de métodos contraceptivos**. Arq Médicos dos Hosp e da Fac Ciências Médicas da St Casa São Paulo [Internet]. 2020 Sep 28 [cited 2021 Jul 26];65(1):1 of 13–13. Available from: <https://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/view/655>

Olsen JM, Lago TDG, Kalckmann S, Alves MCGP, Escuder MML. **Práticas contraceptivas de mulheres jovens: inquérito domiciliar no Município de São Paulo, Brasil**. Cad Saude Publica [Internet]. 2018 Feb 19 [cited 2021 Jul 26];34(2). Available from: <http://www.scielo.br/j/csp/a/Xwfk8VDJJcTryPkxNcbpvrn/?lang=pt>

Rousseff D, Belchior M, Wasmália P, Diretor-Executivo B, Duarte Da Costa Bittencourt N, Melo MM, et al. Presidenta da República INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-**IBGE** [Internet]. 2012 [cited 2021 Jul 8]. 256 p. Available from: [https://biblioteca.ibge.gov.br/ Visualizacao/livros/liv64436.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/Visualizacao/livros/liv64436.pdf)

De Moraes L, da Franca C, Silva B, Valença P, Menezes V, Colares V. **EARLY SEXUAL DEBUT AND ASSOCIATED FACTOR: A LITERATURE REVIEW**. Psicol Saúd e Doença [Internet]. 2019 May 12 [cited 2021 Aug 1];20(1):59-73. Available from: https://www.researchgate.net/publication/333040681_Early_sexual_debut_and_associated_factor_a_literature_review

Luque F, Col. y. **Uso de preservativos en jóvenes universitarios y/o terciarios como medida preventiva de infecciones de transmisión sexual** [Internet]. Vol. 41, Revista de la Facultad de Medicina de la UNNE. 2021 Apr [cited 2021 Jul 9]. Available from: <http://revista.med.unne.edu.ar/index.php/med/article/view/145>

Borges ALV, dos Santos OA, Araújo KS, Gonçalves RFS, Rosa PLFS, de Nascimento NC. **Satisfação com o uso de métodos contraceptivos entre usuárias de unidades básicas de saúde da cidade de São Paulo**. Rev Bras Saude Matern Infant [Internet]. 2017 Oct 1 [cited 2021 Jul 10];17(4):749–56. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93042017000400008>

Jander de Sousa Nogueira F, Kécia Menezes Saraiva A, da Silva Ribeiro M, Maciel de Freitas N, Rui Callou Filho C, Antero Machado Mesquita C. **Prevenção, risco e de sejo: estudo acerca do não uso de preservativos**. Rev Bras em Promoção da Saúde [Internet]. 2018 Feb 28 [cited 2021 Jul 9];31(1):1–8. Available from: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/6224>

Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) [Internet]. 2015 [cited 2021 Jul 12]. Available from: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infeccoes>

Bonatti AF, Santos GWS dos, Ribeiro TAN, Santos DA da S, Olinda RA de, Oliveira JC de S. **Fatores associados ao tipo de gestação não planejada na estratégia de saúde da família**. Rev pesqui Cuid fundam [Internet]. 2018 [cited 2020 Dec 8];871-6. Available from: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/6256/pdf_1

Antunes MQ, Oliveira AK de, Ferreira LL, Damasceno EMA, Cruz C da SS, Barroso HH, et al. **Uso de contraceptivos de emergência entre estudantes universitárias / Use of oral emergency contraceptives among female college students**. Brazilian J Dev [Internet]. 2021 Mar 16 [cited 2021 Jul 18];7(3):26444–57. Available from: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/26412>

Sousa LG de, Cipriano VTF. **Contraceptivo oral de emergência: indicações, uso e reações adversas**. Rev Eletrônica Acervo Saúde [Internet]. 2019 Apr 10 [cited 2020 Nov 19];(22):e665. Available from: <https://doi.org/10.25248/reas.e665.2019>

Daniela Teresa da Silva Carrias, Naiara Costa Araújo, Lyghia Maria Araújo Meirelles, Bernardo Melo Neto. **Efeitos adversos associados a uso de contraceptivos orais em discentes . Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica** [Internet]. 2019 Sep 30 [cited 2021 Jul 26];142–6. Available from: <http://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/706>

Souza R, Borges G, Mourão D. **Contracepção oral e fatores de risco em mulheres brasileiras: revisão integrativa**. Acad Rev Científica da Saúde [Internet]. 2018 [cited 2021 Jul 26];3(1):92–105. Available from: <https://www.semanticscholar.org/paper/Contracepção-oral-e-fatores-de-risco-em-mulheres-Souza-Borges/1b02c00787431a7d7fa0a0f98c6f911035669a95>

Kramer K, Krilow C, Batistell JA, Floss MI, Witt FR, Navarro LP, et al. **Conhecimento De Estudantes Universitárias Sobre O Uso De Contraceptivos Orais Combinados**. Brazilian J Dev [Internet]. 2020;6(8):55357–67. Available from: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/14582/12093>